

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 14
Número 1
Junho 2025

O “LOGOS SEMINAL” EM JUSTINO, FILÓSOFO E MÁRTIR: LOGOS FILOSÓFICO OU PRINCÍPIOS HERMENÊUTICOS BÍBLICOS?¹

The “Seminal Logos” in Justin, Philosopher and Martyr: Philosophical Logos or Biblical Hermeneutical Principles?

Dr. Efstathios Tsotsos²

RESUMO

As obras remanescentes do apologeta Justino, filósofo e mártir são uma fonte rica de informações, sobre a difusão da mensagem de Cristo aos gentios, principalmente para as autoridades romanas e aos intelectuais das escolas filosóficas do século II d.C. O posicionamento inovador da Igreja primitiva perante o mundo greco-romano e, a sua cultura formulada nesse século foi manifestado pelos seus representantes cristãos intelectuais, os chamados “Apologetas”, onde, dentre eles o mais importante é Justino, filósofo e mártir. O presente artigo apresenta uma breve análise do termo “Logos Seminal” em Justino, tentando responder ao problema central da pesquisa, que é o seguinte: se o Cristianismo, pelo menos nas suas origens, apresentava uma exclusividade da verdade, de qual modo Justino conseguiu criar pontos de junção entre a filosofia humana e a “verdadeira filosofia”, como ele chamou a fé cristã? A pergunta sugerida que compõe a formulação do problema é que, a partir dessa junção, o *Kerygma* cristão foi realmente “helenizado”, como alguns estudiosos alegam ou Justino utilizou a filosofia, apenas como instrumento linguístico para expor as verdades cristãs e sua expressão “Logos Seminal”, tendo como fundamento o ensino apostólico?

Palavras-chave: Logos Seminal. Justino. Filosofia. Princípios Hermenêuticos Bíblicos.

¹ O presente artigo é um resumo do quarto capítulo da Tese de Doutorado do autor, com o título, “A Verdadeira Filosofia e o “Logos Seminal” de São Justino: a sua Teologia e Interpretação das escrituras em Diálogo com as Culturas da Época”. Curitiba, 2024.

² Efstathios Tsotsos é Doutor em Teologia (PUC-PR); Mestre em Teologia e Pós-Graduação no Novo Testamento Aplicado pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí, RS); curso livre em Paleografia Grega (EAD) pelo Instituto de Paleografia de Atenas (MIET), Grécia. Atualmente é professor em Teologia da Faculdade Teológica Batista em São Paulo (FTBSP), e professor do grego Koiné e moderno da Comunidade Helênica em São Paulo (CHSP). E-mail: efstathios.tsotsos@teologica.net

ABSTRACT

The remaining works of Justin, philosopher, and martyr, are a rich source of information about the diffusion of Christ’s message to the Gentiles, especially to the Roman authorities and to the intellectuals of the philosophical schools of the 2nd century A.D. The innovative positioning of the Church primitive towards the Greco-Roman world and its culture formulated in that century, is manifested by its intellectuals representatives, the so-called “Apologists” Christians, among whom the most important is Justin, philosopher, and martyr. This article presents a brief analysis of the term “Seminal Logos” in Justin, attempting to answer the central problem of the research, which is the following: if Christianity, at least in its origins, presented an exclusivity of truth, in what way did Justin manage to create points of connection between human philosophy and “true philosophy”, as he called the Christian faith? The suggested question that composes the formulation of the problem is that, from this junction, the Christian Kerygma was really “Hellenized”, as some scholars claim, or did Justin use philosophy only as a linguistic instrument to expose Christian truths and their expression “Seminal Logos”, based on the apostolic teaching?

Keywords: Seminal Logos. Justin. Philosophy. Biblical Hermeneutical Principles.

INTRODUÇÃO

Enquanto os escritos dos apóstolos eram destinados às primeiras comunidades locais, os apologistas³ do século II d.C., através das suas obras foram direcionados em público gentio e, em geral, aos formados da filosofia helênica⁴, pois eles mesmos tinham estudado dessas escolas, antes serem convertidos ao cristianismo. Eles deveriam encontrar um “contato” comum com as pessoas a quem dirigiam os seus escritos, se queriam chegar num entendimento racional e, por isso, foram obrigados usar essa ferramenta adequada àquela época.⁵

O filósofo e mártir Justino foi o primeiro a tentar sistematizar, embora de uma forma embrionária, as verdades cristãs reveladas nas Escrituras Sagradas. Essas verdades vêm de Deus e são reveladas por Ele, por meio dos profetas e homens santos do Antigo Testamento. A ideia de revelação é aperfeiçoada na pessoa de Senhor Jesus Cristo. Pela peculiaridade de seu pensamento e principalmente pela amplitude de sua obra literária, Justino é o mais importante de todos os outros apologistas do século II d.C.

A filosofia em Justino era muito valorizava, mas, apenas nos aspectos em que concordava com a revelação divina. Isso demonstra que essa filosofia é produto da atuação parcial do “Logos” entre aos homens. O uso por ele do “Logos Seminal” era uma afirmação conhecida nos círculos da filosofia greco-romana, pois mostrava que ele a avaliava e a comparava com a verdade cristã; porém a considerava incompleta. Além

³ Apologistas foram chamados aqueles cristãos eruditos que atuaram no século II d.C., os quais assumiram como tarefa, por um lado, defender os cristãos perante as autoridades romanas, que eram injustamente perseguidos e, por outro lado, demonstrar a mensagem cristã como a única filosofia verdadeira e compatível. O nome “apologistas” foi-lhes atribuído, devido ao tipo de literatura de que eles foram fundadores, onde o seu principal cuidado era de guardar as comunidades cristãs, da ordem romana, *flagita cohaerentia nomini* (crimes que são relacionadas com o nome cristão, que tinha ordenado o imperador Trajano). Os mais conhecidos apologistas, além de Justino são os: Cuadrato, Aristides de Atenas, Aristão de Pella, Melitão de Sardes e Atenágoras. ΤΣΑΜΗΣ, Γ. Δημήτριος. *Εκκλησιαστική Γραμματολογία: από την αποστολική εποχή ως την άλωση της Κωνσταντινουπόλεως: Θεσσαλονίκη: Πουρνάρα, 2001, p. 54*

⁴ O conceito “filosofia” nesse artigo tem a ver com o sentido que o entendiam na antiguidade, aquelas pessoas que buscavam a sabedoria – *σοφία* e, não com o sentido que tomou no “racionalismo” do século XVII, o qual, consiste um movimento da filosofia moderna, que não pode ser identificado com o conjunto da tradição filosófica grega antiga. Historicamente, a filosofia cria perguntas, quer aprender o que é vida – “*βίος*”, o que é cosmos, de que é composta a terra, a natureza – física, os animais e outras questões, lançando assim a fundação e a divisão das várias ciências: biologia, cosmologia, fisiologia, geologia, filologia, zoologia etc. Portanto, filosofia não é o nome de um conhecimento – “*gnosis*”, mas é o nome de um desejo, de um querer, que para Aristóteles (*Μετά τά Φυσικά Α’ 1.980a*) esse desejo existe por natureza ao ser humano: “*Πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει*” (Todos os homens têm um apelo por natureza ao conhecimento). Παντελήμων Μανουσάκης. *Φιλοσοφία και Ευαγγέλιο*. Disponível em: https://www.academia.edu/14284691/Φιλοσοφία_και_Ευαγγέλιο. Acesso: 17/03/2025

⁵ JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991, p.43.

disso, a filosofia humana é imperfeita, parcial, indistinta e sombria, em contraste da verdade cristã que foi revelada, completamente aos homens por meio de “Logos” de Deus.

Inicialmente, para ser percebido uma possível influência, ou não do sentido do “logos” filosófico de Justino, em sua relação com o “Logos” joanino é certo de ser abordado o primeiro pensador, que usou o conceito de “logos” com seu sentido filosófico, Heráclito. Na parte seguinte, será uma breve análise do conceito de “Logos” de apóstolo João, como aparece no seu prologo, que é o primeiro escritor do Novo Testamento (NT), que o ligou com Deus. Por último, o trabalho vai analisar os princípios hermenêuticos que aparecem na obra de Justino e, como ele os interpretou na luz dos textos bíblicos do Novo Testamento.

1. O “LOGOS” EM HERÁCLITO DE ÉFESO

O sentido que possui o termo “logos” na filosofia da Grécia antiga é multiforme, e ultrapassa qualquer tentativa neste trabalho, de realizar possíveis interpretações que foram feitas nas várias escolas filosóficas da antiguidade. Por isso, será examinado o conceito de “logos” – λόγος, ou o “sendo ser” – ο ὄντως ὢν e “divindade” – θεότητα, como os gregos antigos chamavam a “primeira arque”, ou seja, o “princípio dos seres” – αρχή τῶν ὄντων. Essa busca dos pensadores antigos, sobre o começo de tudo significa “ontologia”,⁶ que é encontrada nos escritos fragmentados, principalmente de Heráclito e depois mais tarde na escola filosófica dos “estoicos” e do filósofo judeu, Filo de Alexandria.

Heráclito é um dos maiores pensadores da Jônia da Ásia Menor, e o primeiro que introduziu na filosofia o sentido do “logos”, que se tornou o ponto de partida sobre todas as questões filosóficas posteriores que foram feitas. Heráclito nasceu em Éfeso, a segunda cidade jônica depois de Mileto, onde floresceu o pensamento filosófico, sendo ele de uma geração depois dos seus representantes pensadores, os chamados pré-socráticos.⁷ Segundo Κουφόπουλος a diferença mais importante entre Heráclito e os filósofos de Mileto, Tales, Anaximandro e Anaxímenes, está na mudança do seu interesse sobre a busca da primeira “Arque” (princípio). Heráclito não é concentrado mais no primeiro elemento essencial do mundo, como pensavam os filósofos de Mileto, mas, ele destaca e enfatiza o “poder” ou o princípio que move esse elemento, que para Heráclito esse princípio é o “Logos”.⁸

O Logos em Heráclito possui as seguintes características essenciais: a) ele existe em todas as coisas e regula os seus relacionamentos entre si; b) é homogêneo e indivisível; c) é coerente com as leis que foram estabelecidas no mundo por ele e, o mais importante é que pode ser aproximado. A Heráclito, não interessa ensinar o “logos”, mas, ele “exorta” as pessoas de o ouvirem, porque, como acontece aos outros valores da natureza, ou seja, a justiça, a ordem e a beleza, assim, também, a verdade não é ensinada, mas, deve ser ouvida.⁹

Além disso, o “logos” no entender de Heráclito parece ter a função de corrigir os desvios da eterna lei que governa as coisas. O pensador de Éfeso concede, portanto, o poder de conferir ordem e racionalidade ao “cosmos”. Daqui surge o significado mais comum de logos, “razão” – λογική (lógica, raciocínio). Por isso, para Reale e Antiseri, na concepção de Heráclito, aquilo que governa todas as coisas é “inteligência”, é “razão”, é “Logos”, é “lei racional”.¹⁰

Toda a teoria do “Logos” em Heráclito é desenvolvida de modo completo pelo filósofo cético, Sexto

⁶ HEBECHE, Luiz. **Ontologia I**. 2.ed. Florianópolis: 2012, p. 12. Ontologia é ao tratar do “ente” direciona-se para aquilo que é essencial. Por isso, “Ontologia” significa estudo ou conhecimento do “Ser”, dos “Entes” ou das coisas tais, como são em si mesmas, real e verdadeiramente. Porém, a filosofia desviou-se do problema do ser – da ontologia – para tratar de outros temas e, durante do tempo certamente, foi mudada.

⁷ O pensamento racionalista antigo convencionalmente começa com os três representantes da escola jônica em Mileto, na Ásia Menor: Tales, Anaximandro, Anaxímenes. Todos eles, buscaram intensamente as questões em relação aos sentidos de deus, do princípio, do logos, da justiça, do infinito, do cosmos, do ser e da physis-natureza. Para os três pensadores de Mileto a “physis tinha uma “aura divina”, pois era a fonte originária, a “arché” de todas as coisas que constituíam o Universo. Zeferino Rocha. Heráclito de Éfeso, filósofo do Logos. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**. Ano VII, n. 4, dez/2004, pp.9,10.

⁸ ΚΟΥΦΟΠΟΥΛΟΣ, Τάκης. **Ο Σκοτεινός: σημειώσεις για τον Ηράκλειτο**. Αθήνα: 1993, p. 23

⁹ ΚΟΥΦΟΠΟΥΛΟΣ, Τάκης. 1993, p. 219

¹⁰ REALE, G. ANTISERI, D. **História da filosofia: antiguidade e idade média**. São Paulo: Paulus, 1990, 2003, p. 37.

Empírico, na sua obra “Aos Matemáticos” – *Προς Μαθηματικούς* (VII, 126-134). Segundo Heráclito, o homem para conhecer a verdade realiza esse conhecimento por dois meios: *a)* por meio da sua sensação e *b)* por meio do “logos”. Entre esses dois meios, Heráclito considera as sensações consideradas enganosas, enquanto aceita o “Logos” como critério da verdade. Porém, esse Logos não é qualquer um, mas o “Logos comum e divino”:

Para Heráclito o critério da verdade é o “Logos” comum e divino, onde cada um de nós que participamos nele se torna pessoa de bom senso. Portanto, aquela coisa que aparece comum a todos é autêntica (pois, é recebida tendo como base o “Logos” comum e divino); enquanto, aquela coisa que é formada por uma pessoa apenas, é indigna de confiança.¹¹

Através da aplicação desse critério, são excluídas as sensações e o logos humano como testemunhas da verdade, porque cada pessoa vê as coisas de forma diferente das outras, de uma forma subjetiva sem as suas impressões serem absolutamente identificadas. Ainda mais, o critério da verdade do logos humano está subjacente em fracasso, porque nunca as opiniões de duas pessoas coincidem, quando elas discutem sobre o mesmo assunto.

Nesse ponto reside o paradoxo que Heráclito constatou: Enquanto o “Logos” divino é comum à todas as pessoas, no entanto, as pessoas se comportam de modo diferente uma da outra, tendo cada um o seu *logos* particular.¹² Para compreender a verdade do mundo, o homem deve, segundo Heráclito, seguir esta “Palavra” eterna, que é “comum”, em outras palavras, conecta o homem com o divino, o microcosmo com o macrocosmo, e permite que a vida dos mortais se conforme às leis eternas da realidade universal.¹³

O significado do texto anterior é que o “Logos”, o qual prevalece sobretudo é “comum” – *κοινός* e, poderia ser perceptível pela maioria das pessoas, se não existisse o perigo da sua subjetividade. Com esse “Logos” comum para todos, Heráclito introduz na história humana o conceito considerado o “ponto crucial”, não só do pensamento filosófico, mas, também, da teologia cristã:

Apesar de, esse “logos verdadeiro” é eterno, as pessoas se tornam insensatos antes ainda de ouvirem, mas, também, depois que o ouvirem pela primeira vez, elas continuam a ser insensatos. Porque, enquanto todas as coisas virem a ser segundo esse “logos”, eles aparecem como se não o conhecem, se bem que, eles têm a experiência seja de palavras, seja de obras, essas que eu estou contando, classificando-as conforme na sua natureza e interpretando-as. As outras pessoas, porém, esquecem as coisas que elas fazem quando são acordados, no mesmo modo precisamente, esqueçam as coisas enquanto dormem.¹⁴

Sexto Empírico comentando o texto anterior apoia a tese, de que esse apotegma de Heráclito trata sobre o “Logos” divino, porque é o “Logos” verdadeiro. Porém, como pode ser entendida a sua existência em relação ao ser humano? A resposta é oferecida por Heráclito no seu segundo texto dos seus apotegmas: “Por isso, devemos seguir o “logos” comum – *κοινός λόγος*, pois, enquanto o “logos verdadeiro” é comum a todos, a maioria das pessoas vive como se tivesse seu próprio juízo”.¹⁵ A repetição de Heráclito da frase, “logos” verdadeiro – *λόγου έόντος*, nos dois seus primeiros apotegmas são colocados para declarar que ele se refere ao mesmo “logos”, do qual, Heráclito completou os seus atributos indicando a sua eternidade e seu valor universal. No primeiro apotegma (VII, 131) o “logos” é “comum” – *κοινός* que é o mesmo e verdadeiro para todos os homens, e no segundo (VII 132) é “eterno” – *αεί*, e possui vigor universal, ou seja, existe por si próprio.¹⁶

A existência de Deus para Heráclito é dada e, também é incontestável, embora não tente demonstrá-la,

¹¹ “Τούτον δὴ τὸν κοινὸν λόγον καὶ θεῖον καὶ οὐ κατὰ μετοχὴν γεγόμενα λογικοὶ, κριτήριον ἀληθείας φησὶν ὁ Ἡράκλειτος; ὁ δὲν τό μὲν κοινὴ πάσι φαινόμενον, τοῦτ’ εἶναι πιστόν (τῷ γὰρ κοινῷ καὶ θεῷ λόγῳ λαμβάνεται) τὸ δὲ τίνι μόνῳ προσπίπτει ἀπίστον ὑπάρχειν διὰ τὴν ἐναντίαν αἰτίαν”. Σέξτος Εμπειρικός, *Πρὸς Μαθηματικούς* VII, 131. (A. 16).

¹² ΜΑΚΡΥΓΓΛΑΝΗΣ, Δημήτριος. *Ἡ ἔννοια τοῦ Θεοῦ στὴν Προσωκρατικὴ Φιλοσοφία*. Ἀθήνα: Γεωργιάδης, 2001, p. 296.

¹³ ΜΑΤΣΟΥΚΑΣ, Νικόλαος. *Ἱστορία τῆς Φιλοσοφίας*. Αρχαίας Ελληνικής - Βυζαντινής - Δυτικοευρωπαϊκής. Θεσσαλονίκη: Εκδόσεις Κυριακίδη, 2016, σσ. 120-121.

¹⁴ Σέξτος Εμπειρικός, *Πρὸς Μαθηματικούς* VII 132.

¹⁵ Σέξτος ο Εμπειρικός, *Πρὸς Λογικούς*, I. 133.

¹⁶ ΚΟΥΦΟΠΟΥΛΟΣ, 1993, p. 40.

mas, apenas determinar os seus atributos através de sentenças opostas que ele apresenta. Hipólito de Roma (teólogo e apologista do século II-III d.C.), citando os apotegmas de Heráclito sobre essas contradições apresentadas escreveu: “Então, Heráclito diz que, tudo (πάν - pan), o divisível e indivisível, o sensível e inteligível, o *logos* e *aion*,¹⁷ pai e filho é o deus justo” e, continua dizendo que, “não (ouçam) a mim, mas, ao mesmo tempo que ouvirem o “logos”, devem reconhecer que existe um sábio (ser), o qual conhece tudo”.¹⁸

Nessa citação de Hipólito observamos que os pares dos sentidos são todos opostos, exceto o último que se refere a Deus justo, pois a justiça consiste num atributo inerente a Deus. De acordo de Μακρυγιάννης a citação de Hipólito no dito de Heráclito inclui duas posições distintas: a) a unidade de todas as coisas opostas, sob o sentido de Deus que tudo controla e b) o atributo que caracteriza o ser supremo, como “um sábio” – ἐν σοφόν, que corresponde à ideia superior de um Deus que conhece tudo, onde não apenas é justo, mas, também é absolutamente distinto de tudo.¹⁹

Ao estudar alguém os apotegmas remanescentes de Heráclito, e dos outros filósofos pré-socráticos, também, observa-se que eles não criam “axiomas”, ou seja, não estabelecem pressupostos e evidências convencionais. Todos eles fazem uma filosofia “poética”, onde as palavras que surgem dos seus pensamentos ainda não são formuladas em forma concreta e funcionam, primeiramente, como sentidos figurados que não possuem significados literais. Platão na sua obra, “Simpósio” coloca a poesia numa forma suprema de criação intelectual, comparando-a como um “nascimento” que traz na luz algo novo. A composição poética torna-se, essencialmente, a causa da transição de uma coisa da inexistência para a sua existência.²⁰

Para Heráclito, as suas correlações fonéticas, as comparações etimológicas²¹ e os confrontos semânticos não são só um jogo de palavras,²² como acreditavam alguns estudiosos, mas é a “agonia” da língua para se indagar a si mesma, sair do seu próprio ser e buscar o caminho da sua criação. Heráclito influenciou todo o mundo antigo, principalmente os filósofos clássicos, como Platão e Aristóteles, os quais tentaram aprofundar ao seu pensamento, tendo o propósito de compreendê-lo, interpretá-lo e tornando-o acessível, incorporando-o nas suas filosofias.

¹⁷ A palavra grega αἰών – aion (século), inicialmente encontrada em Homero onde juntamente com a palavra ψυχή – alma, significa “força vital”. Mais tarde, o conceito “aion” tendo o sentido de vida, adquiriu o significado da duração da vida – ζωή e, finalmente, nos tempos dos filósofos antigos gregos a palavra “aion” passou de significar, uma vida de grande duração, muito longa, eterna (CHANTRAINE, Pierre. *Ετυμολογικό Λεξικό της Αρχαίας Ελληνικής, Ιστορία των Λέξεων*. Επιμέλεια, Γιώργος Παπαναστασίου καὶ Δημήτριος Χρηστίδης. Θεσσαλονίκη: Αριστοτέλειο Πανεπιστήμιο Θεσσαλονίκης-Ινστιτούτο Νεοελληνικών Σπουδών, 2022, σ. 105).

¹⁸ «Ἡράκλειτος μὲν οὖν φησιν εἶναι το πᾶν διαιρετὸν ἀδιαίρετον, γενητὸν καὶ ἀγένητον, θνητὸν ἀθάνατον, λόγον αἰῶνα, πατέρα υἱόν, θεὸν δίκαιον... οὐκ ἐμοῦ, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφὸν ἔστιν ἐν πάντα εἰδέναι», ο Ἡράκλειτος φησι (Ἰππόλυτος, *Ἐλεγχοι*, Θ' 9). Nesse ponto deve ser esclarecido que a última palavra da citação, “conhecer” – εἰδέναι, que existe no único manuscrito remanescente, foi substituída pelo primeiro editor dos fragmentos de Heráclito, E. Miller, com a palavra “ser” – εἶναι (Essa versão seguiram todas as edições que usam a maioria das versões publicadas sobre o Heráclito). Com essa mudança, porém, o texto é interpretado alternadamente: “é sábio reconhecerem que tudo é um” – ὁμολογεῖν σοφὸν ἔστιν ἐν πάντα εἶναι. Assim, a palavra “sábio” – σοφόν, referida anteriormente como caraterístico de Deus (um sábio) é destituída num atributo da percepção humana, que “tudo são um” e, o sentido que era referido a Deus desaparece. ΜΑΚΡΥΤΙΑΝΝΗΣ, 2001, p. 301.

¹⁹ ΜΑΚΡΥΤΙΑΝΝΗΣ, 2001, p. 301.

²⁰ “Por um lado, saiba que “poesia” é um conceito mais amplo; ou seja, para cada coisa que passa da inexistência à existência, a única causa é a “poesia”; assim, as obras que produzem todas as profissões são “poemas” e os artesãos que as produzem, todos eles são “poetas” (Platão, *Simpósio*, 205, b-c).

²¹ É impressionante a tensão que Heráclito tenta “saborear” e “desfrutar” a língua que usa e, como, também, da mesma intensidade, através dela o seu pensamento tenta tirar dentro do seu interior aquilo que sente no seu ser. Um exemplo é a etimologia da palavra, κοινός – comum (no dialeto jônico que ele escreve é, ξυνός – xynos) palavra composta da proposição, ξυν (syn – com) e o verbo, νοῶ, τῷ, do substantivo, νούς (mente, razão), por isso o seu sentido pode ser “seguir aquele que possui a razão”, ou seja, o “Logos” divino: διό δεῖ ἐπεσθαι τῷ ξυνῷ, τουτέστι τῷ κοινῷ (λόγῳ) ΚΟΥΦΟΠΟΥΛΟΣ, 1993, p. 40.

²² A escrita de Heráclito é densa e cheia de significados. Contudo, muitas vezes é difícil alguém compreender o pensamento dele e, mais difícil ainda, onde deve estar colocada a pontuação nas frases (esse problema foi destacado pelo próprio Aristóteles. *Αριστοτέλης, Ρητορική Γ. 5, 140. 7β 11*). É mencionado por Diógenes de Laércio que, quando o poeta trágico, Eurípides deu à Sócrates o livro de Heráclito para lê-lo, e pediu depois sua opinião sobre o seu conteúdo, Sócrates respondeu que: “as coisas que ele (ou seja, Heráclito) entendeu eram importantes, mas, devem ter sido importantes de mesmo modo, aquelas partes que ele não conseguia entender. Contudo, seria necessário que ele tivesse a habilidade de um “mergulhador” da ilha de Delos, para mergulhar nas profundezas desses significados”. *Διογένης Λαέρτιος, Βίαι Φιλοσόφων* XI, 22.

2. O USO DO TERMO “LOGOS” NO EVANGELHO DE JOÃO

O sentido do “Logos” joanino possui um peso teológico marcante na teologia da Igreja Cristã. Embora que o conceito de “Logos” ocorra apenas de prólogo de evangelho, o seu sentido mantém um papel central da obra de João. Nessa perspectiva é certo dizer, que o prologo inclui todas as características de uma visão geral, ou resumo da maioria dos principais temas que são apresentadas em todo evangelho. Sendo assim, João apresenta de uma forma intensa teológica, sem precedentes a ação histórica de Jesus, como, também, a relação indissolúvel que liga o Filho com o Pai de uma forma ontológica (Jo 1.1). Porém, o mais importante de tudo é que João, no seu evangelho promove e declara a divindade do “Logos”, identificando-o com Jesus Cristo encarnado (Jo 1.14).

Nos livros canônicos do NT, apenas o evangelho de João se refere explicitamente ao conceito de “Logos” e sua ligação estreita com a pessoa de Cristo,²³ como, também entre os apologistas, Justino o usa com o mesmo sentido teológico nas suas duas Apologias e no seu Diálogo com o judeu Trifão.

A pesquisa histórica e literária reconhece que o evangelho de João foi escrito em Éfeso,²⁴ pois a cidade mantinha uma tradição filosófica longa em relação do sentido de “logos”, porque em Éfeso seis séculos antes, o filósofo Heráclito nasceu e desenvolveu a busca sobre a primeira “Arque”. Por isso, o sentido de “Logos” joanino, por muitos estudiosos foi ligado ao filósofo pré-socrático e sua teoria, como foi apresentada anteriormente.

Apesar de, o tema da origem do Logos de João ser interessante e curioso entre os estudiosos, a intenção central é o seu peso teológico, como foi apresentado por João e pela Igreja, como, também por Justino nas suas obras que foram escritas, poucas décadas depois do apóstolo de Jesus. Assim, Ridderbos assinala que, “mesmo aqueles que são da convicção de que temos aqui essencialmente um motivo pré-cristão, quer o chamemos de helenístico-judaico ou helenístico-grego, se esforçam em demonstrar que esse motivo está totalmente integrado, cristianizado e remodelado em um sentido cristão”.²⁵

Independentemente de quais teorias de o apóstolo João foi influenciado, ou não pela filosofia grega, o seu propósito era cumprir a “Grande Comissão” de Jesus, ou seja, o princípio missionário e fato histórico da encarnação divina, onde o Filho e Logos de Deus, “se fez carne – *sarx*” e habitou entre nós” (Jo 1.14), tendo o alvo da salvação do ser humano. Por isso, o logos filosófico deveria revestir-se de elementos teológicos para ser entendido o significado da “Palavra eterna de Deus”:

Este é o termo mais característico do prologo, embora o “Verbo”, não aparece no evangelho no sentido em que apareceu no prólogo. Mesmo assim, no que diz sobre o “Verbo”, o prologo mostra-nos a perspectiva sob a qual todo o evangelho deve ser compreendido: tudo o que foi registrado, das margens do Jordão às aparições depois da ressurreição, mostra como a Palavra eterna de Deus tornou-se carne, para que homens e mulheres cressem nele e vivessem.²⁶

Todavia, para um grego a expressão: “Deus se fez carne”, seria muito estranha, o mesmo, também aconteceria para um judeu ouvir que o homem pode ser “divinizado”. Nessa situação, João tem o objetivo de que todo o seu evangelho seja lido à luz do primeiro versículo do prólogo, em que é revelado o Logos que dá sentido e unidade em toda sua temática que apresenta.²⁷

O apóstolo João, no primeiro verso do seu prólogo, declara que: “No princípio era o Logos, e o

²³ Lucas, também, no seu evangelho parece que personifica o “Logos”: “...conforme nos foram transmitidos por aqueles, que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra” (*καθὼς παρέδοσαν ἡμῖν οἱ ἀπ’ ἀρχῆς αὐτόπται καὶ ὑπηρέται γενόμενοι τοῦ λόγου*). BÍBLIA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000, p. 59.

²⁴ Irineu de Lião (*Adversus haereses*, 3.3) reconhece que em Éfeso o apóstolo João escreveu o seu evangelho: “Depois João, o discípulo do Senhor, aquele que estava reclinado no seio de Jesus, ele, também escreveu o evangelho, quando estava permanecendo em Éfeso de Ásia” (*Ἐπειτα Ἰωάννης, ὁ μαθητὴς τοῦ Κυρίου, ὁ καὶ ἐπὶ τὸ στήθος αὐτοῦ ἀναπεσών, καὶ αὐτὸς ἐξέδωκεν τὸ εὐαγγέλιον, ἐν Ἐφέσῳ τῆς Ἀσίας διατρίβων*).

²⁵ RIDDERBOS, Herman. The Structur and Scop of the Prologue to the Gospel of John. *Novum Testamentum*, V.8, pp. 180-206, 1966, p. 187.

²⁶ BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 33.

²⁷ VICENTE, ARUSO & RENAN DA SILVA, Maycon. As Heranças Semita e Grega na Compreensão do Logos Joanino. *Caminhos*, Goiânia, v.18, 2020, p. 677-693, p. 690.

Logos era com Deus, e o Logos era Deus” (Jo 1.1). O “proêmio” do quarto evangelho é um “hino” do “Logos” e o evangelho o mais poético, não só dos evangelhos, mas, também de todos os livros do NT. Embora o “hino de Logos” se encontre apenas no evangelho de João, isto não significa que é uma criação poética do apóstolo.²⁸ O hino introdutório, provavelmente pertence à adoração da Igreja primitiva, onde os cristãos elevavam preces e hinos que glorificavam Jesus como Deus, Criador e Consumador de todas as coisas. Sobre isso, o historiador da Igreja, Eusébio da Cesareia, menciona o autor desconhecido do livro, “Contra Artemão” que escreveu:

E existem escritos de irmãos, mais antigos dos anos de Victor (Episcopo da igreja da Roma dos anos, 189-199 d.C.) como, Justino, Miltiades, Taciano e Clemente os quais escreveram para os gentios em favor da verdade e contra das heresias, onde confessam a divindade de Cristo..., mas, também, salmos e cânticos que louvam Cristo, o Logos de Deus que declaram que ele, o Cristo é Deus e homem, os quais cânticos foram escritos pelos irmãos fiéis desde princípio.²⁹

De acordo, Despotis o escritor do evangelho, alterna de propósito a sua referência poética (simbólico-metafórica) ao Logos, com a sua narração de prosa no testemunho de João Batista sobre Ele, dividindo assim o “hino” introdutório em três partes:

- Poesia I: o Logos de Deus vem como Luz no Mundo (1.1-5: a, vv.1-2, descrição e proclamação do Logos; b, vv.3-4, a revelação do Logos no mundo; c, v.5, a resposta da humanidade). Prosa; o testemunho de João Batista (1.6-8).
- Poesia II; A Encarnação do Logos no Mundo, (1.9-14: a, v.9, a revelação do Logos no mundo; b, v.10-13, a resposta da humanidade; v.14, a confissão da fé). Prosa: o Testemunho de João Batista (1.15).
- Poesia III: O Revelando é o Filho-Deus Unigênito (1.16-18: a, v.16, a revelação do Logos no mundo; b, v.17, a resposta da humanidade; c, a confissão da fé).

Nesse ponto, deve ser assinalado que o primeiro objetivo de um “Prólogo” consiste em constituir pontes-canais de comunicação, entre o texto e o leitor-ouvinte para ser atingida a interatividade, ou seja, a interação funcional dos dois. O objetivo do evangelho de João, como foi apresentado é o testemunho por meio de testemunhas de credibilidade, sobre a mensagem de um texto que é “aberto”, na medida em que, não se dirige a ninguém “Teófilo” das obras de Lucas, mas, para ouvintes que vão acreditar, ou já acreditam, sem, porém, provavelmente terem certeza absoluta de que o Jesus histórico é o Cristo, o Filho de Deus: “Essas palavras, porém, foram escritas para que possais crer que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e para que, crendo tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31).

Sendo assim, João declara que o Logos, o qual se introduz precedido de artigo, possuindo um sentido conhecido pelos destinatários do Evangelho que, provavelmente vivem em Éfeso, na cidade de Heráclito, existia no momento da criação, não como uma criatura criada, mas, como uma “Pessoa” – *Πρόσωπο* distinta, que Ele se comunica com Deus, uma vez que é junto com Ele – *πρός Αυτόν*, enquanto Ele, ou seja, o Pai não é alheio e solitário.³⁰

Nesse sentido, o próprio “Logos” é qualificado em sua relação com Deus pela “proximidade”, (v.1: *pros-πρός* + acusativo; traduzido como “perto de” ou “voltado para”) e pela afirmação de uma identidade

²⁸ ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σωτήριος. *Η Λειτουργικότητα του Προοιμιακού Ύμνου του Κατά Ιωάννη*. Τόμος Α'. Πάτρα: ΕΚΠΑ, 2010, pp.102-103.

²⁹ Ευσέβιος Καισαρείας. *Εκκλησιαστική Ιστορία*. 5.28.5-6: “καὶ ἀδελφῶν δὲ τινῶν ἔστιν ᾠδὴν γράμματα, πρεσβύτερα τῶν Βίκτορος χρόνων, ἃ ἐκεῖνοι καὶ πρὸς τὰ ἔθνη ὑπὲρ τῆς ἀληθείας καὶ πρὸς τὰς τότε αἱρέσεις ἔγραψαν, λέγω δὲ Ἰουστίνου καὶ Μιλτιάδου καὶ Τατιανοῦ καὶ Κλήμεντος καὶ ἐτέρων πλειόνων, ἐν οἷς ἅπασιν θεολογεῖται ὁ Χριστός... ἐν καὶ ἄνθρωπον καταγγέλλοντα τὸν Χριστόν, ψαλμοὶ δὲ ὅσοι καὶ ᾠδαὶ ἀδελφῶν ἀπ’ ἀρχῆς ὑπὸ πιστῶν γραφεῖσιν τὸν λόγον τοῦ Θεοῦ τὸν Χριστόν ὑμνοῦσιν θεολογούντες. Os poetas desses hinos mencionados por Eusébio são desconhecidos e, seu objetivo era didático, pois a Igreja primitiva anunciava o seu ensino confessional apenas através da poesia, tendo em vista ser entendido pelo coração, no interior das pessoas, e ser memorizado de forma poética (ΔΕΣΠΟΤΗΣ, 2010, p.102. Nota 1).

³⁰ Para o Logos que “é com Ele” – *πρός Αυτόν* não mostra, apenas a distinção e conexão entre Ele e Deus-Pai, mas, também, o fato da relação amorosa e forte que conecta essas duas Pessoas, pois como explicará a conclusão do hino, Jesus como o Unigênito Filho é, perpetuamente no seio do Pai: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito que está ao seio – *κόλπο* do Pai foi quem o revelou” (Jo 1.18).

divina, o “Logos-Verbo era Deus”, que será objeto das elaborações trinitárias ulteriores (Trindade).³¹

O Logos-Deus junto com Deus-Pai criam com cumplicidade a criação: “Todas as coisas foram feitas por meio dele e, sem ele, nada que foi feito existiria” (Jo 1.3). Nesse sentido, o Logos constitui a causa criativa de todas de criaturas que existem, ou seja, tudo é uma criação do logos e, como destaca o apóstolo João, de tudo o que foi criado nada existe que não se reporte no seu princípio ao Logos.

Visto que o Logos é o criador do mundo, João apresenta dois atributos fundamentais sobre isso. Primeiro, o caracteriza como “Vida” – ζωή e, segundo, como “Luz” – φῶς: “a vida estava nele e era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.4-5). A divindade do Logos é atestada no fato de que ela é a verdadeira luz, em contraste com outras luzes criadas, como próprio Jesus declarou para ele mesmo, acrescentado o artigo definido: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8-12). Além disso, Ele é onipresente e por isso, “ilumina cada pessoa que vem (ou nasce) ao mundo” (v.9) e, não apenas um povo ou nação,³² pois na Antiguidade toda divindade era tribal ou nacional. Essa declaração de João descreve a universalidade da força iluminadora, e a presença do Logos acima de toda humanidade, desde a sua criação.

Nessa frase do prólogo (v.9) que está ligada com os versos (vv.4,5), onde se refere ao Logos que era a vida das pessoas e ilumina, mesmo na escuridão, pode ser discernido uma alusão de João sobre a relação privilegiada do ser humano com o Logos criador; assim, o homem é o ser que é iluminado pelo Deus-Logos, que participa na verdade sendo ser racional. Visto que, segundo o verso (v.9) é oferecido, sem distinção em todas as pessoas, através do seu raciocínio desde seu nascimento, consistindo assim na semente racional que é iluminada pelo “Logos”, evidentemente o ensino de Justino sobre o “Logos Seminal” constitui uma interpretação cristológica, tendo, porém, a “capa” filosófica da linguagem estoica.³³

3. O “LOGOS SEMINAL” DE JUSTINO E SUA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Justino é o mais antigo escritor da Igreja, o qual se ocupou e desenvolveu detalhadamente nas suas obras a teologia de “Logos”. Todavia, escrevendo sobre o Logos de Deus, não parece que ele introduziu um novo ensino, mas, ele apresentou aos círculos da sua época o ensino já conhecido da Igreja em relação do Logos.

“Cristo, sendo o “Logos” é o primogênito de Deus, como fomos ensinados e foi profetizado, onde, toda geração humana participou; de maneira que, aqueles que viveram segundo o “Logos”, apesar de que foram considerados ímpios, são cristãos, dos quais, entre os gregos Sócrates, Heráclito e aqueles que ensinaram as mesmas coisas com eles” (1Apol. 46, 1-3).

Com essa declaração, Justino acreditava que todas as pessoas que amavam e buscavam genuinamente cada aspecto da verdade e que tentavam viver segundo ela faziam parte do “Logos Seminal” divino. Os nomes de Sócrates e de Heráclito mencionados por Justino não são por acaso, porque os dois pensadores durante sua busca sobre a verdade foram considerados ímpios, pelos seus próprios compatriotas e foram perseguidos. a filosofia para Justino era um processo intelectual, que não conseguiu misturar as várias divergências dos filósofos, apesar de que eles não fracassaram totalmente em sua busca sobre o ser divino.³⁴

³¹ LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1826.

³² As etnias, ou nações – ἐθνη no sentido moderno, ou seja, um povo que quer se tornar um país, ou um Estado determinado, surgiu inicialmente no século XVII e tornaram-se mais evidentes nos séculos XIX e XX, quando aparece muito intensamente o etnocentrismo. As “etnias”, ou chamados “grupos étnicos”, tomaram o seu nome através da palavra grega “ἐθνικός” – étnico (que nas traduções da Bíblia em português, frequentemente é traduzida pela palavra, gentio), que depois do surgimento do cristianismo significava “pagãos” e “idólatras”. Esse termo, “étnicos” – *goyim*, os judeus usavam para caracterizar aqueles que não pertenciam à sua comunidade étnica, ou seja, os outros povos, os não eleitos por Deus (MAC CRONE, D. **The Sociology of Nationalism**. London: Routledge, 1998, p. 5).

³³ MANTZAPIΔΗΣ, Γεώργιος. Η Βιβλική Θεώρηση της Θεολογίας του Σπερματικού Λόγου. **Περιοδικό Θεολογία**. Τόμος, 85, 4. 2014, p. 362.

³⁴ Justino alegava que existe em toda raça humana por natureza, ou seja, inata, semente de Logos (2Apol. 8.1) e, nesse pressuposto ele reconhecia que, “toda coisa boa que foi dita no passado é nossa, dos cristãos” (2Apol. 13.4) considerando com isso que, Justino por meio dos seus argumentos queria construir uma “ponte”, que seja compatível entre o cristianismo com a filosofia gentílica. Essas suas palavras anteriores remetem o discurso de Paulo no Areópago de Atenas, quando citou poetas gregos que buscavam Deus (At 17.27-28).

3.1. A DEPENDÊNCIA BÍBLICA DE JUSTINO EM RELAÇÃO AO SEU “LOGOS SEMINAL”

A filosofia em Justino era muito valorizada, mas, apenas nos aspectos em que concordava com a revelação divina. Isso demonstra que essa filosofia é produto da atuação parcial do “Logos” entre aos homens. Todavia, a filosofia humana é imperfeita, parcial, indistinta e sombria, em contraste da verdade cristã que foi revelada, completamente aos homens por meio de “Logos” de Deus.

O uso por ele do “Logos Seminal” era uma afirmação conhecida nos círculos da filosofia greco-romana, pois mostrava que Justino a avaliava e a comparava com a verdade cristã, porém a considerava incompleta. Assim ele explica: “Porque, aquilo que de bom disseram e acharam os filósofos e legisladores, foi por eles elaborado, segundo a parte do Verbo que lhes coube pela investigação e pela intuição”.³⁵ Por isso, o “logos” filosófico ajuda a ser entendido melhor o “Logos Seminal” de Justino e, como ele o usava na sua argumentação para apresentar o ensino cristão. Pois, segundo Justino o “Logos” revelado em Cristo Jesus é a “única filosofia segura e proveitosa” (2Apol. 13.4).

Esse “Logos” inspirou os profetas das Escrituras, os quais, segundo Justino, “eram justos, amados por Deus e abençoados, mais antigos desses considerados filósofos e, falaram por meio do Espírito divino e nos apresentaram as coisas futuras, essas que nesse tempo acontecem agora entre nós”.³⁶ Portanto, apenas os profetas são soberanos de todos, sendo autênticos e dignos de crédito, enquanto a filosofia é produto do “logos” humano, pois expressa ao mesmo tempo verdades e mentiras.

Justino tira o seu ensino sobre “Logos” diretamente das Escrituras e da tradição apostólica, principalmente do evangelho de João, e não dos ensinamentos do meio-platonismo como alegaram os opositores de Justino.³⁷ Além disso, Taciano, discípulo contemporâneo de Justino, usou o evangelho de João para compor o seu chamado evangelho de “Diatessaron” – *Διά Τεσσάρων*, uma harmonia dos quatro evangelhos canônicos, onde Justino adota muitas vezes a linguagem de João para construir a sua cristologia.³⁸ Nos quadros seguintes serão apresentadas algumas referências de Justino, tentando reconhecer alguns passagens correspondentes no evangelho de João.³⁹

Quadro 1. Referências de Justino em comparação do Evangelho de João

1Apol. 5.4	João 1.1,9,14
“Οὐ γάρ μόνον Ἕλλησι διὰ Σωκράτους ὑπὸ Λόγου ηλέχθη ταῦτα, ἀλλὰ καὶ ἐν βαρβάροις ὑπ’ αὐτοῦ τοῦ Λόγου μορφωθέντος καὶ ἀνθρώπου γενομένου, καὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ κληθέντος”.	Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον... Καὶ ὁ Λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν”

Nesses textos (quadro 1) Justino afirma que o Logos “pré-encarnado” de Deus agia entre os gregos sábios, como foi Sócrates, mas, também entre os “bárbaros”, que se tornou homem e foi chamado Jesus Cristo. A semelhança do argumento de Justino com o prólogo de João, onde o Logos era a luz que ilumina toda pessoa que vem no mundo é evidente.

2Apologia, 6.3 e 4-5	João 1,14 e 1,1-3
“ὁ μόνος λεγόμενος κυρίως υἱός, ὁ Λόγος...καὶ συνὼν καὶ γεννώμενος ὅτε τὴν ἀρχὴν δι’ αὐτοῦ πάντα ἔκτισε”	δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός... ἦν ἡν πρὸς τὸν θεόν... ἐν ἀρχῇ πάντα δι’ αὐτῷ ἐγένετο.”

³⁵ 2 Απολογία του Ιουστίνου φιλόσοφου καὶ μάρτυρ, 10.1-2.

³⁶ Dialogo de Trifão, 7.

³⁷ PRICE, R. M. Hellenization and Logos Doctrine in Justin Martyr. “Vigilliae Christianae”. Vol. 42, 1968, p. 18-23.

³⁸ HILL, E. Charles. *The Johannine Corpus in the Early Church*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 315.

³⁹ Os textos apresentados serão na sua forma original em grego, para aparecerem melhor as diferenças que eles, talvez possuam.

Para Justino (quadro 2), como, também em João, Cristo Jesus é o Logos de Deus, o qual preexistia e por meio dele foi criado o mundo. Ele que é o Filho Unigênito e Logos de Deus “*se fez carne e se tornou homem*” (Jo 1.14) – “*e se tomado carne se tornou homem*” (σαρχοποιηθεὶς ἄνθρωπος γέγονεν, 1Apol. 32.10).

1Apologia, 61.42	João, 3. 3-5
Καὶ γὰρ ὁ Χριστὸς εἶπεν, ἂν μὴ ἀναγεννηθῇτε, οὐ μὴ εἰσέλθῃτε εἰς βασιλείαν τῶν οὐρανῶν. Ὅτι δὲ ἀδύνατον εἰς τὰς μήτρας τῶν τεκουσῶν τοὺς ἀπαξ γεννωμένους ἐμβῆναι, φανερόν πάσιν ἐστίν.	ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι, ἐὰν μὴ τις γεννηθῇ ἄνωθεν, οὐ δύναται ἰδεῖν τὴν βασιλείαν τοῦ Θεοῦ. πῶς δύναται ἄνθρωπος γεννηθῆναι γέρων ὢν; μὴ δύναται εἰς τὴν κοιλίαν τῆς μητρὸς αὐτοῦ δεύτερον εἰσελθεῖν καὶ γεννηθῆναι;

Nessa citação de Justino (quadro 3) há uma grande semelhança com os versículos correspondentes de João. As palavras que Justino usa interpretam, exatamente a perícope de João. Apesar de que Justino não cite literalmente o evangelho joanino, pode ser observado que depois da comparação dos textos, ele depende do quarto evangelho, embora de uma forma “parafrástica”. Justino, adota a linguagem e as temáticas teológicas de João, principalmente da questão de “Logos” de uma forma muito semelhante, de maneira que, não deixa dúvidas que não conhecia o quatro evangelho.

3.2 A TEOLOGIA DE JUSTINO EM RELAÇÃO DO LOGOS

Justino na sua teologia deu ênfase em um Deus que não tem nome imposto, pois todo aquele que tem nome supõe outro mais antigo que o tenha oposto dizendo: “*Pai, Deus, Criador, Senhor, Soberano não são propriamente nomes, mas, denominações tiradas de seus benefícios e de suas obras*”. Assim, ele faz uso do método “apofático”, escrevendo que “*Deus é incriado, incompreensível, invisível, mas, também criador e aquele que constitui todo universo*”. Segundo Justino, Deus é considerado anônimo, ele é um criador, além de decorador (1Apol. 61.11) e apresenta os mistérios sobre Deus na base da fórmula triádica (1Apol. 61, 10-13).

O “Logos” em Justino é uma personalidade divina, que é Jesus Cristo. Em outras palavras, não é apenas uma força indefinida, como aparece nos antigos filósofos, mas uma pessoa e entidade separada e ungida, mesmo antes da sua encarnação. Por isso, nas obras remanescentes de Justino encontramos inúmeros relatos que se referem aos escritos dos pensadores gregos e sua filosofia. Para Justino os ensinamentos dos filósofos antigos era uma instrução “propedêutica”, para que o mundo fosse preparado para aceitar o evangelho de Cristo. Justino (1Apol. 5.) chega ao ponto de comparar, Sócrates como, “exemplar” de Cristo dizendo que:

Quando Sócrates, com raciocínio verdadeiro e investigando as coisas tentava esclarecer tudo isso e, afastar os homens dos demônios, estes conseguiram, por meio de homens que se compraziam na maldade, que ele, também, fosse executado como ateu e ímpio, alegando que ele estava introduzindo novos demônios. Mesmas coisas tentam fazer contra nós.

Justino aproveitou ao máximo sua passagem pela essa instrução da filosofia “propedêutica”, onde a usou nas suas duas apologias para formular o seu método retórico, perante os imperadores romanos e, apresentar sua cristologia em forma de diálogo platônico, na sua obra “Diálogo com Trifão”, imitando assim o criador desse método de discurso, Platão. A obra de Justino “Diálogo com Trifão”, segundo Compenhausen consiste em “um compêndio completo de todas as provas textuais confirmando a fé em Cristo contidas no AT, se tornando assim, um diálogo que raramente foi superado”.⁴⁰ Todavia, Justino mencionando o conceito do “Logos”, não apresenta um ensino novo, mas, ele escreve sobre a confissão da fé cristã, que era conhecida nos círculos eclesiásticos da sua época.

Examinando profundamente os escritos de Justino é percebido que seus ensinamentos e sua teologia são baseados nas Escrituras Sagradas, considerando como Escritura os livros do AT, onde por meio da

⁴⁰ COMPENHAUSEN, 2015, p. 20.

iluminação do Espírito Santo podem ser interpretadas. O Espírito é caracterizado como “profético” – *προφητικό*, porque sua missão principal era iluminar e inspirar os profetas do Antigo Testamento: “Ensinou para nós o Espírito Santo o profético...”⁴¹ Além disso, para antecipar o perigo de desvio daqueles que acabam ser insensatos, Justino expõe os princípios e os ensinamentos bíblicos nos quais ele mesmo foi ensinado, que muitas vezes “escapa” aos estudiosos que desejam mencionar apenas a sua linguagem filosófica: “Fomos ensinados que Cristo é primogênito de Deus e, já declaramos que ele é sendo o ‘Logos’”.

Para Justino a filosofia é identificada com a teologia, visto que a principal obra dela é buscar Deus, ou seja, “examinar o divino” – *ἐξετάζειν περί τοῦ Θεοῦ*. Nesse ponto, Justino acaba sendo um pioneiro da Igreja, porque introduz uma interpretação reformulada do termo “filosofia”, onde identifica a “revelação” com a “verdadeira filosofia”, “a mais segura e proveitosa” de todas. Sob essa ótica, a “filosofia” se torna mui preciosa, visto que nos leva e nos liga a Deus por meio do seu “Logos” (1Apol. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria do “Logos Seminal” é uma questão de grande importância na teologia de Justino. Essa teoria do Logos constitui o “ponto de contradição” por boa parte de estudiosos, conforme como foi apresentado na introdução desse trabalho. Eles acusaram Justino de ter sido influenciado pelos ensinamentos de Platão, dos estoicos e, também do judeu helenista Filon, o qual fez uma junção das duas correntes filosóficas. Essa alegação formulada a priori, reduz totalmente a fé genuína de Justino em Cristo Jesus e, sua dependência teológica das Escrituras, principalmente do evangelho de João.

Deve ser acentuado que todas as partes teológicas de Justino, em relação do “Logos Seminal” que foram expostas têm a ver, exclusivamente com os filósofos e poetas da Grécia antiga, por causa do seu objetivo de defender e apresentar a mensagem de Cristo, aos imperadores romanos e intelectuais da sua época que estavam familiarizados com a filosofia grega. Isso não significa que o “Logos Seminal” não incorpora, também, todas as pessoas que não seguem Cristo Jesus, pois esse “Logos” divino não se limita ao espaço e tempo, nem a um povo determinado, mas ultrapassa limites e age sem distinção em cada época e em toda a humanidade.

A trajetória do “Logos Seminal” de Justino, onde ao longo de séculos tomou sentidos diferentes pelas escolas filosóficas. Tenta-se brevemente esboçar em linhas gerais o uso do “Logos” pelos pensadores de cada época, por um longo período de sete séculos, até chegarmos a personagem da nossa pesquisa, Justino que, ao nosso ver completou e definiu o sentido final do “Logos” na pessoa de Jesus Cristo. A busca de sentido do “logos” começou com Heráclito, o qual para ele era a unidade estrutural do conjunto da realidade que se expressa através da síntese harmoniosa das forças opostas, e a responsabilidade, também da razão do ser humano para escutar cuidadosamente o “Logos” divino que leva à conformação moral com sua verdadeira natureza.

Embora as origens do “Logos Seminal” de Justino, em relação aos seus conceitos e sua linguagem provenham do contexto filosófico antigo, todavia, o ensino do “Logos Seminal” em Justino recebe outra forma e sentido, tendo como base o ensino apostólico e principalmente, o prólogo do Quarto Evangelho. Apesar de que nos escritos remanescentes de Justino não aparece nenhuma citação direta sobre o “Logos” joanino, no entanto, encontra-se várias ideias indiretas do evangelho espalhadas nos seus textos das suas obras. Como o apóstolo João, Justino, também destaca e apresenta a encarnação do “Logos” na pessoa de Jesus Cristo, em contraste com cada percepção filosófica anteriormente dita.

A teologia do “Logos Seminal” de Justino consolida, de certa forma, uma teologia ou uma “filosofia cristã”, porque através dela lança e expande o sentido da revelação, dando-lhe um poder universal e diacrônico; um poder que ultrapassa os limites estreitos do povo de Israel antigo, atestando a providência de Deus para a salvação de todas as pessoas, de acordo com a Divina Economia. Trata-se de uma teologia, a

⁴¹ 1Apol. 44. Justino menciona o Espírito Santo como, profético, ou seja, o mesmo que inspirou os profetas do AT em vários textos da sua apologia (1Apol. 40,41,42,44).

qual, além das necessidades religiosas, tem a ver com a questão genuinamente missionária em todo mundo, correspondente com a missão de Paulo no areópago de Atenas, quando aplicou a mensagem cristã ao contexto cultural filosófico dos estoicos e epicureus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional (NVI)**. São Paulo: Vida, 2000.

BRUCE, F.F. **João, Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006,

CAMPENHAUSEN, Hans, Von. **Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos**. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

JAEGGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paideia grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991

HEBECHE, Luiz. **Ontologia I**. 2.ed. Filosofia, licenciatura a distância. Florianópolis: Universidade Federal De Santa Catarina 2012.

ΔΕΣΠΟΤΗΣ, Σωτήριος. Η Λειτουργικότητα του Προοιμακού Ύμνου του Κατά Ιωάννη. Τόμος Α'. Πάτρα: ΕΚΠΑ, 2010

ΚΟΥΦΟΠΟΥΛΟΣ, Τάκης. Ο Σκοτεινός: σημειώσεις για τον Ηράκλειτο. Αθήνα. 1993

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004

ΜΑΚΡΥΤΙΑΝΝΗΣ, Δημήτριος. Η Έννοια του Θεού στην Προσωκρατική Φιλοσοφία. Αθήνα: Γεωργιάδης, 2001.

ΜΑΝΤΖΑΡΙΔΗΣ, Γεώργιος. Η Βιβλική Θεώρηση της Θεολογίας του Σπερματικού Λόγου. Περιοδικό Θεολογία. Τόμος, 85, 4. 2014,

ΜΑΤΣΟΥΚΑΣ, Νικόλαος. Ιστορία της Φιλοσοφίας. Αρχαίας Ελληνικής - Βυζαντινής - Δυτικοευρωπαϊκής. Θεσσαλονίκη: Εκδόσεις Κυριακίδη, 2016

ΤΣΑΜΗΣ, Γ. Δημήτριος. Εκκλησιαστική Γραμματολογία: από την αποστολική εποχή ως την άλωση της Κωνσταντινουπόλεως: Θεσσαλονίκη: Πουρνάρα, 2001

PRICE, R. M. **Hellenization and Logos Doctrine in Justin Martyr**. "Vigilliae Christianae". Vol. 42, 1968

HILL, E. Charles. **The Johannine Corpus in the Early Church**. Oxford: Oxford University Press, 2006

REALE, G. ANTISERI, D. **História da filosofia: antiguidade e idade média**. São Paulo: Paulus, 1990; 2003

VICENTE, ARTUSO & RENAN DA SILVA, M. As Heranças Semita e Grega na Compreensão do Logos Joani-
no. **Caminhos**, Goiânia, v.18, 2020, p. 690.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional